

alengo_CANVA



APAGÃO DIGITAL

QUANTO CUSTA PARA UMA EMPRESA FICAR SEM SEUS SISTEMAS?

Boato sobre interrupção mundial de energia reacende discussão sobre a dependência tecnológica das empresas; levantamento internacional registrou 49 episódios reais de instabilidade na internet em três meses

O que acontece com uma empresa quando seu principal sistema deixa de funcionar? A resposta pode envolver muito mais do que algumas horas sem acesso à internet. Pedidos deixam de ser processados, equipes perdem acesso a informações, atendimentos são interrompidos e operações inteiras podem ficar comprometidas. Em negócios cada vez mais conectados, uma falha localizada pode provocar consequências em diferentes áreas da organização.

A discussão ganhou atualidade com a circulação de mensagens que anunciam um suposto apagão mundial para 17 de novembro. A previsão, amplamente compartilhada nas redes sociais, não possui comprovação técnica e já foi desmentida por veículos de comunicação. Embora o cenário anunciado seja falso, interrupções de energia, conectividade e serviços digitais são problemas reais, com impactos que vão além da infraestrutura tecnológica.

Um levantamento da Cloudflare, divulgado em outubro, identificou 49 episódios de interrupção da internet em diferentes partes do mundo entre julho e setembro de 2026. Os registros incluem falhas no fornecimento de energia, desastres naturais, problemas de infraestrutura e bloqueios determinados por governos. O relatório evidencia como a conectividade depende de diferentes estruturas e pode ser afetada por fatores que escapam ao controle direto das empresas.

Para Marcos Custódio, CEO e cofundador da Webpeak, consultoria especializada em arquitetura digital e integração de sistemas, o maior risco para os negócios nem sempre está na interrupção em si, mas na dificuldade de compreender suas consequências sobre a operação.

"Uma empresa pode ter dezenas de sistemas funcionando aparentemente bem, mas não saber exatamente o quanto eles dependem uns dos outros. Quando um deles fica indisponível, o problema pode atingir áreas que, à primeira vista, não teriam nenhuma relação com aquela falha. É nesse momento que a falta de planejamento aparece", afirma.



Divulgação

Marcos Custódio

> "Uma empresa pode ter dezenas de sistemas funcionando aparentemente bem, mas não saber exatamente o quanto eles dependem uns dos outros. Quando um deles fica indisponível, o problema pode atingir áreas que, à primeira vista, não teriam nenhuma relação com aquela falha. É nesse momento que a falta de planejamento aparece.



dotshock_CANVA

Na prática, a indisponibilidade de uma plataforma de gestão pode comprometer o faturamento, a atualização de estoques e o processamento de pedidos. Uma falha em ferramentas de relacionamento com clientes pode interromper atendimentos e dificultar o acesso ao histórico de negociações. Quando essas aplicações estão conectadas, os efeitos podem se espalhar pela operação.

Segundo Marcos, a digitalização ampliou a eficiência dos negócios, mas também tornou mais importante compreender as dependências entre processos, plataformas e fornecedores.

"Durante muito tempo, a preocupação das empresas esteve concentrada em contratar ferramentas capazes de resolver problemas específicos. Hoje, o desafio é entender como todas essas soluções funcionam juntas. Quanto maior a dependência digital, mais importante é conhecer os pontos críticos da operação e estabelecer alternativas para situações de indisponibilidade", explica.

O custo de parar

Os prejuízos provocados por uma interrupção tecnológica não se limitam ao período em que um sistema permanece fora do ar. Além de possíveis perdas de receita, as empresas podem enfrentar atrasos operacionais, retrabalho, descumprimento de prazos e impactos no relacionamento com clientes.

A dimensão dessas consequências depende do setor, do tempo de paralisação e da importância dos serviços afetados. Uma operação comercial que depende de vendas em tempo real, por exemplo, enfrenta riscos diferentes dos de uma empresa cujos processos podem ser temporariamente executados de forma manual.

Para identificar sua exposição, as organizações precisam conhecer quais atividades não podem ser interrompidas, quais sistemas sustentam essas operações e quanto tempo conseguem funcionar sem eles.

Esse diagnóstico permite estabelecer prioridades de recuperação, avaliar a necessidade de conexões alternativas, definir procedimentos de contingência e testar periodicamente a capacidade de restabelecimento dos serviços.

A existência de cópias de segurança também exige atenção. Embora os backups sejam fundamentais para a recuperação de informações, eles não garantem, isoladamente, que uma empresa consiga retomar suas atividades no prazo necessário.

Outro aspecto importante é a dependência de fornecedores externos. Mesmo organizações com infraestrutura tecnológica bem estruturada podem ser afetadas pela indisponibilidade de plataformas em nuvem, serviços de comunicação ou aplicações utilizadas por diferentes áreas.

Para Marcos, a preparação precisa acompanhar a evolução tecnológica das empresas, especialmente em um momento de expansão da automação e da inteligência artificial.

"A questão não é imaginar que todos os sistemas vão falhar ao mesmo tempo, mas reconhecer que nenhuma estrutura está completamente imune a interrupções. Empresas que conhecem suas dependências e sabem quais processos precisam recuperar primeiro têm melhores condições de reduzir os impactos de uma falha. Continuidade operacional não começa quando o sistema cai. Começa muito antes", conclui.